

# MÚSICA QUEER BRASILEIRA

Gilvan da Costa Santana; Elza Ferreira Santos

Instituto Federal de Sergipe, [gilvancsantana@yahoo.com.br](mailto:gilvancsantana@yahoo.com.br)

Instituto Federal de Sergipe, [elzafesantos@gmail.com](mailto:elzafesantos@gmail.com)

**Resumo:** O artigo mostra que consoante os estudos queer existe uma produção de arte musical, no Brasil, que respalda a construção de uma identidade fluida e múltipla. Assim, o objetivo é levantar dados sobre uma produção musical cuja característica seja o questionamento da identidade heteronormativa como fator limitante dos sujeitos e se posiciona contra a exclusão, a marginalização e enquadramentos compulsórios. Dentro de uma abordagem qualitativa, far-se-á uma pesquisa descritiva em torno dos pressupostos teóricos do movimento feminista que dialoga com o queer e em torno das canções brasileiras ativistas e protesto contra uma identidade fixa e imutável dentre dos moldes tradicionalistas.

**Palavras-chave:** Estudos Queer, Produção Musical, Gênero, Feminismos.

## Introdução

O artigo mostra que os estudos-queer defendem a ideia de identidade como algo instável e múltiplo. Assim, o sujeito-queer não se assujeita a regras heteronormativas e assume identidades próprias, lutas ativistas e políticas em prol das causas LGBTIQ, em termos convergentes e/ou divergentes plurais. A teoria-queer, pois, busca tornar visível o questionamento das lógicas que estabelecem uma classificação entre os indivíduos e que impõem um padrão de normalidade em contraposição ao que é considerado patológico/desviante (queer). Nessa direção, uma vertente da produção musical brasileira de hoje, numa postura queer, questiona a identidade heteronormativa como um fator limitante dos processos múltiplos dos sujeitos e se posiciona contra a exclusão, a marginalização e enquadramentos compulsórios. Assim, a característica queer na música brasileira enfatiza o ser plural, diverso, não-binário, esquisito, estranho (numa conotação positiva, ressignificada). Destarte, apropriar-se e ressignificar o termo de tom pejorativo – queer – é uma postura política, debochada e transgressora.

## Identidade(s) e (in)definições queer

Numa perspectiva pós-estruturalista, a definição de identidade não mais deve estabelecer limites e restrições de comportamentos e de ação, excluindo possibilidades diversas. Segundo Hall:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideias que temos de nós próprios como sujeitos integrados. (2006, p. 9)

A clássica noção de identidade na perspectiva essencialista é marcada por aspectos biológicos/naturais binárias em geral atribuídos aos indivíduos, não considerando especificidades de grupos-queer, cuja característica fundamental é sua diversidade e multiplicidade no interior de grupo e subgrupos. Hall (2006) questiona e refuta a ideia até então cristalizada de que identidade é elemento fixo e completo.

Para ele, há uma diversidade de identidades que podem ir mudando e intercambiando. Para ele, portanto, o pós-modernismo apresenta o sujeito como elemento transitório, clivado circunstancialmente. Nesse sentido, o conceito de identidade é ressignificado e perde a marca de limitação cerceante do sujeito em termos determinísticos do que lhe seria permitido ser. Assim é que as identidades dos indivíduos deveriam relacionar-se, sem questionamento de pertencimentos e múltiplas possibilidades taxonômicas, consoante se vê no acrônimo LGBTTTIQ (Lésbicas, Gays, Travestis, Transgêneros, Transexuais, Intersexos, Queer).

Fábio (2017) traça com muita propriedade o percurso dos movimentos em prol dos direitos e inserções dos diversos matizes em termos da homossexualidade no Brasil, que se dá a partir da década de 1970. Segundo esse autor, tal fato se verificou inicialmente por meio de mídias impressas alternativas e grupos mobilizadores em bares, clubes, boates daquela década, tais quais *O Lampião da Esquina* (de 1978 a 1981) *Chanacomchana* (de 1981 a 1987), cujo foco está, respectivamente, na temática gay e lésbica. A década de 1980, porém representa um refreamento nas lutas e conquistas de gays e lésbicas, haja vista a calamidade avassaladora que representou a AIDS. Por sua vez, a década de 1990 representou muito em termos de conquistas, se não por vias legislativas, ao menos por vias executivas e judiciárias. Isso se dá porque o poder legislativo brasileiro é notadamente conservador e hipocritamente heteronormativo sob uma máscara de preservação de valores religiosos que sustentam uma herança sexista, machista e patriarcal.

Nessa trajetória, Fábio (2017) e Jesus (2012) fazem uma síntese em torno da ‘sopa de letras’ que se irá formando ao longo da história dos movimentos LGTBIQ. Nesse sentido, alguns aspectos vistos na explanação do autor são curiosos: as lésbicas não se sentiam contempladas ante o termo homossexuais, além disso, após muito debate e polêmica, em 2008, a Conferência Nacional GLBT decide posicionar a letra L à frente do G, passando o movimento a ser denominado LGBT, pois as lésbicas se julgavam desprestigiadas pelo protagonismo de homossexuais masculinos. Vale frisar que bissexuais, travestis e transexuais também não se achavam representados e foram gradativamente agregando-se aos movimentos, porém, também, julgando-se sofrendo uma certa hierarquização interna e externa (marcas de machismo expressas por gays masculinos); nota-se que transgêneros, intersexos e queer só mais tarde serão incorporados a essas bandeiras de luta e formação (quase) completa da ‘sopa de letrinhas’ – LGTBIQ ou LGBTQI (uns estudiosos acham que T contempla travestis, transgêneros e transexuais enquanto outros reivindicam que faltam outros dois Tês para contemplar e açambarcar toda a diversidade).

Cronologicamente, os estudos gays e lésbicos são precedentes da teoria queer e serviram de suporte, mas não davam conta da multiplicidade identitária que busca combater práticas socioculturais de exclusão. Assim é que a teoria queer incorpora reflexões e lutas por igualdade e ativismo dos variados sujeitos que compõem as múltiplas identidades de gênero na sociedade.

Os pressupostos teóricos queer, inevitavelmente, possibilitarão questionamentos e desconstruções discursivas em termos de (pre)conceitos repressores provocados pela abordagem essencialista ‘naturalizada’. Assim, na direção dos estudos feministas gays e lésbicos norte-americanos e pós-estruturalistas franceses acerca de identidades de gênero, os estudos queer consideram que seres humanos podem assumir múltiplas identidades e desenvolver toda uma gama de diversidade em termos de papéis sociais e práticas sexuais.

Para Butler, existe toda uma ‘performatividade’ quando se trata de gênero: “O gênero é performativo porque é resultante de um regime que regula as diferenças de gênero. Neste regime os gêneros se dividem e se hierarquizam de forma coercitiva” (2002, p. 64). A teoria da performatividade, portanto, constata que há repetição ritualística de comportamentos que cria sujeitos daí resultantes. Consequentemente, quem ousa comportar-se fora das heteronormas binárias estará sujeito a sanções de toda ordem. “Não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero. Identidade é performativamente constituída pelas próprias “expressões” que são ditas como seus resultados” (BUTLER, 2004, p.57).

O queer nega e desconstrói, portanto, a combinação binária tida como estável, natural, sagrada e lógica/biológica pela heteronormatividade: sexo= gênero=desejo sexual. Nessa direção a teoria queer, pois, concebe os seres humanos e suas práticas sexuais muito além de oposição homossexual/heterossexual, mulher/homem, masculino/feminino. Os sujeitos, assim, não estão circunscritos no que Butler (2003) chama de ‘inteligibilidade’ produzida e naturalizada socialmente. Consequentemente, ao recusar-se a enquadramento, o queer é ‘subversivo, insultuoso iconoclasta’ pois pluraliza e desnaturaliza identidades e recusa/questiona as relações de poder.

### **Queer como resistência ao patriarcado**

Preconceito e intolerância contra sujeitos que não se enquadram nos cânones da heteronormatividade são elementos oriundos da histórica dominação masculina, cuja origem se encontra no patriarcalismo e ainda hoje está presente em todos os sentidos na sociedade. Assim, naturalizou-se a ideia de que o homem /o macho é dono de tudo. Tal concepção encontrou respaldo no sistema capitalista. Nesse sentido, Saffioti (2004) mostra que a figura masculina se legitimou como detentora de autoridade total, capaz de agir de forma a subordinar ‘naturalmente’ os seres ao ‘patriarca’ submetidos, mesmo que isso consista em atos intimidadores, opressivos, violentos e brutais.

Essa ótica machista/sexista, consolidada pela conjuntura sócio-político-econômica, em consonância com forças religiosas e, inclusive, científicas legitima o poder como sendo eminentemente masculino. Para Bourdieu (2014), muito além do poder masculino evidente, perceptível, há o poder simbólico. Infere-se que, possivelmente, este seja até mais perigoso que aquele, por não ser notado de forma concreta e clara. Desse processo de poder simbólico resulta a visão arbitrária, cristalizada como natural, que considera legítimo e incontestável tal poder do masculino sobre o não-masculino em termos de sexo e gênero.

Essa concepção, inclusive, é admitida e assumida o mais das vezes pelos próprios grupos LGBTIQ. Implica dizer que poder simbólico gera violência simbólica, representada por essa submissão tácita, imperceptível, de seres que, inconscientemente, se deixam assujeitar. Isso se dá pela internalização dos grupos inferiorizados da ideia de que o homem/macho é superior, graças ao efeito do discurso social, institucional, religioso e científico. A esse processo o sociólogo francês denomina *habitus*.

Indubitavelmente, não se consegue em curto ou médio espaço de tempo deixar de agir como resultado de toda uma formação histórica e cultural machista e sexista. Isso explica o

porquê de persistir, mesmo no século XXI, a dominação masculina em todas as esferas da sociedade, a despeito de tantos avanços alcançados pelos movimentos feministas e LGBTIQ, sobretudo nas últimas décadas. Daí por que Bourdieu (2014) vê as oposições binárias como marca universalizante de dominação masculina, pois os seus princípios são os mesmos nas diferentes sociedades ocidentais.

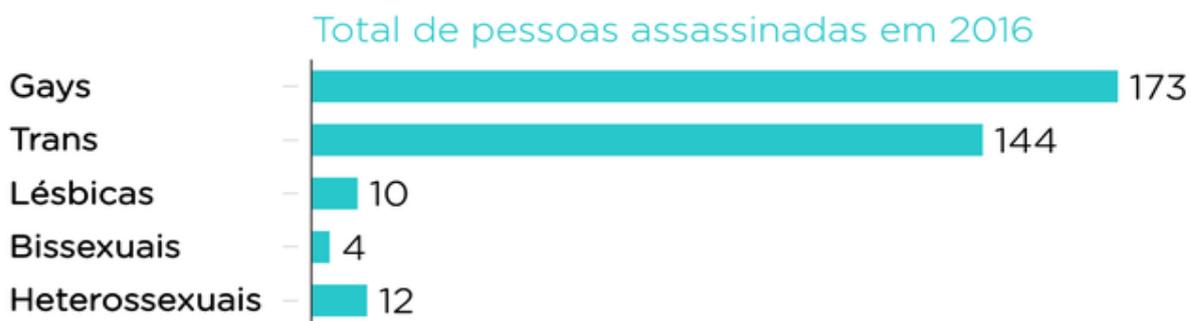
Logo, o entendimento da sexualidade e do gênero como uma construção histórica e cultural constituída nas experiências de vida das pessoas, entre elas as vivenciadas no espaço da arte de consumo de massa, escopo deste artigo, leva a refletir sobre imagens queer, em busca de seu entendimento como um dispositivo que articula saberes/poderes na sociedade. Para Foucault, a sexualidade é o nome que pode ser dado a um dispositivo histórico:

Não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas estratégias de saber e de poder. (1997. p. 235)

Na contramão dessa postura dominadora de motivação patriarcalista que marca tantos séculos de cultura universal, como se viu em Bourdieu (2014), os movimentos feministas e queer têm lutado para promover a igualdade de direitos de ser e estar, de ir e vir.

Para tanto, a trilha a percorrer numa sociedade como a brasileira é ainda muito longa. Diante disso, é preciso enfatizar a importância da luta de décadas dos movimentos feministas e LGTB no combate a todo tipo de violência e na conquista de progressos institucionais, pois é fundamental a intervenção direta do Estado. Segundo Carvalho et al (2016), no Brasil, em termos de comunidades LGBTIQ, avanços em maior relevância têm sido recentes: em 2004 se lançou programa Brasil sem homofobia; em maio de 2008, I Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais; em maio de 2009, o Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos propõe reconhecimento da diversidade da orientação sexual e identidade de gênero, inclusive, em termos de conteúdo de livros didáticos; em dezembro de 2011, realizou-se a II Conferência Nacional de Políticas Públicas e Direitos Humanos para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.

Por outro lado, até pela pressão exercida por grupos de ranço patriarcalista, conservadores, político-religiosos, de direita, as práticas violentas, androcêntricas e homofóbicas ainda são uma triste e desoladora realidade: o Brasil é líder mundial em termos de assassinatos, sobretudo de gays e trans, como se comprova em gráfico abaixo.



Fonte: Relatório 2016, assassinato de LGBT no Brasil

NEXO

Disponível em <https://www.nexojornal.com.br/explicado/2017/06/17/A-trajet%C3%B3ria-e-as-conquistas-do-movimento-LGBT-brasileiro>

Em pleno séc. XXI, portanto, no que pese o fato de não ter havido uma radical mudança que sepultasse o machismo amalgamado ao patriarcalismo, como se comprova pelos dados e índices de violência de todo tipo contra as mulheres e população queer, não se pode negar que se vive, em países como o Brasil, numa época de transição e que houve avanços, como esses ora assinalados. No caso das trans, por exemplo: “A visibilidade e a materialidade desses sujeitos parecem significativas por evidenciarem, mais do que outros, o caráter inventado, cultural e instável de todas as identidades” (LOURO, 2004, p. 23).

## MÚSICA QUEER BRASILEIRA

A música popular do Brasil é há mais de 100 anos exemplo de produto/expressão cultural dos mais relevantes e identitários. e uma das mais fortes expressões de discursos vários e amplos. Quanto à temática homossexual, a despeito de escassa bibliografia disponível, por se tratar de assunto-tabu há séculos e que envolve questões de foro íntimo aos artistas, os raros estudos que servem de referência, como se vê em Faour (2006), mostram que desde 1903 a MPB apresenta registro de personagem gay, obviamente, estereotipado e ridicularizado, como convém àquele contexto sociocultural e até décadas mais recentes. Trata-se de questões já aqui mostradas, no que tange à herança patriarcalista, sexista-machista da sociedade. Fato é que a temática GLB é tratada há décadas na MPB, porém, quase sempre forma implícita, alegórica, ambígua ou estereotipada, ridicularizante, preconceituosa.

A falta de respeito e liberdade à expressão, mesmo no campo da arte, fez com que o tema fosse ‘maldito’ e quem ousasse assumir identidade ‘desviante’ assim fosse tratado. Dessa forma, na historiografia da música brasileira, até os anos de 1970, o discurso declaradamente GLB quase inexistiu. Raros cantores/cantoras e compositores/compositoras

assumiam tais identidades. Aliás, os poucos que ‘saíram do armário’ ou nunca lá estiveram pagaram um alto preço por isso, inclusive, ostracismo e censuras.

Nesse bojo, há uma eterna polêmica: alguns alegam que, se o alto número de artistas LGB brasileiros assumissem suas identidades, catalisariam a redução de preconceitos e violências no país pela naturalização e visibilidade do assunto; outros acreditam que é fundamental o respeito a cada indivíduo decidir se quer ou não expor sua vida particular e que a exposição de identidades GLB comprometeria a carreira desses artistas. Mesmo que pareça óbvio o fato de grande parte das cantoras brasileiras serem lésbicas, por exemplo. Aliás, só na última década diversos nomes representativos do universo musical expuseram suas identidades.

Já em se tratando de artistas e músicas queer, até antes dos anos 2000 praticamente inexistia registro vultoso bibliográfico ou fonográfico da magnitude de figuras emblemáticas dos anos 1970, como Dzi Croquettes, Secos e Molhados, Edy Star, por exemplo. Vale ressaltar que o próprio Faour (2016), em sua obra já considerada única a dar conta da sexualidade na MPB em suas diversas facetas, não conhece ou ignora a teoria queer e emprega termos para o que estaria inserido hoje na performance de artistas-queer, tais como “underground, super-gay, pensamento pós-gay, politicamente incorreto”, mesmo sem estar sendo preconceituoso ou fazendo juízo de valor. Pelo contrário, diz Faour ao citar os grupos vanguardistas queer Textículos de Mary e Cansei de Ser Sexy, dentre outros: “...o *mainstream* nunca chegou para eles... Pode ser que um dia se possa ouvir o jargão gay e os mais sinceros e abusados desejos dos gays numa FM. Sejam eles de “bom” ou do mais safado “mau gosto”. (2016, p. 431)

Os exemplos abaixo, pequena amostra\*, considerando-se a rica produção musical queer dos últimos anos no Brasil, mostram progresso, revolução inacreditável em relação a décadas anteriores já mencionadas. Algo inédito na historiografia e ainda sem estudo significativo em termos acadêmicos ou midiáticos.

- Ai meu Jesus  
Que negócio é esse daí?  
É mulher? Que bicho que é?  
Prazer, eu sou arte, meu querido  
Então pode me aplaudir de pé  
Represento esforço  
Tipo de talento  
Cultivo respeito  
Cultura drag é missão!  
Um salve a todas as montadas  
da nossa nação!  
Corro com vocês, eu sei

que fácil não é nunca!  
Lembra dos cara  
Achando que consumação  
paga peruca? (Ahn?)  
Quando que vai reverter  
Não vou me submeter  
Tá difícil de dizer  
Vou me fazer entender!  
(Dona-Gloria Groove)

- O que vão dizer de nós?  
Seus pais, Deus e coisas tais  
Quando ouvirem rumores  
do nosso amor Baby, eu já cansei  
de me esconder  
Entre olhares, sussurros com você  
Somos dois homens e nada mais  
Eles não vão vencer  
Baby, nada há de ser em vão  
Antes dessa noite acabar  
Dance comigo a nossa canção!  
E flutua, flutua  
Ninguém vai poder querer  
nos dizer como amar  
E flutua, flutua  
Ninguém vai poder querer nos dizer como  
amar Entre conversas soltas pelo chão  
.Teu corpo teso, duro, são  
E teu cheiro que ainda ficou  
na minha mão  
Um novo tempo há de vencer  
Pra que a gente possa florescer  
E, baby, amar, amar sem temer  
Eles não vão vencer  
Baby, nada a dizer em vão  
Antes dessa noite acabar  
Baby, escute, é a nossa canção  
E flutua, flutua Ninguém vai poder querer  
nos dizer como amar  
E flutua, flutua Ninguém vai poder querer  
nos dizer como amar  
(*Flutua-Liniker e os Caramelows*)

- O fervo também é luta  
Passa na calçada espalhando o terror  
Solta a mão, segura firme, chegou o fiscal  
de amor  
Todo mundo tá ligado, quer dar ré e vai de  
segunda  
Quebra lâmpada na cara pra não enfiar na  
bunda  
Me chama de viado, invertido e baitola  
Bichinha, boiolinha, bambi chupa-rola  
Quero muita atenção no que eu vou falar  
pra tu  
Tem que ser macho pra caralho  
Pra poder dar o próprio cu  
Se eu apanho na paulista imagina na ruela  
Não cai na real, mas tá de pé do lado dela  
.....Vê  
se me ama ou vê se me erra  
Fala pra tua mina que tu gosta de fio-terra  
To bem de saco cheio, então tu me respeite  
Ou cala tua boca ou enche logo ela de leite  
O fervo também é luta  
(*Fiscal-Mc Queer*)

- Bicha estranha, louca, preta, da favela  
Quando ela tá passando todos riem da cara  
dela Mas, se liga macho

Presta muita atenção Senta e observa a tua  
destruição Que eu sou uma bicha, louca,  
preta, favelada Quicando eu vou passar e  
ninguém mais vai dar risada  
Se tu for esperto, pode logo perceber  
Que eu já não tô pra brincadeira  
Eu vou botar é pra foder  
Ques bicha estranha, ensandecida  
Arrombada, pervertida  
Elas tomba, fecha, causa  
Elas é muita lacração  
Mas daqui eu não tô te ouvindo, boy  
Eu vou descer até o chão  
A minha pele preta, é meu manto de  
coragem . Impulsiona o movimento  
Envaidece a viadagem  
Vai desce, desce, desce, desce  
Desce a viadagem  
Sempre borralheira com um quê de  
chinerela  
Eu saio de salto alto. Maquiada na favela .  
Mas, se liga macho  
Mas que pena, só agora viu, que bela  
aberração? É muito tarde, macho alfa  
Eu não sou pro teu bico Não  
(*Bixa Preta-Mc Linn da Quebrada*)

\*Disponível em <https://www.lettras.mus.br>

Convém registrar que ao estudo presente neste artigo, consoante se vê nos exemplos acima, interessou a música brasileira que vai muito além de artistas assumirem identidades GLB; interessou a música/artista queer: insultuosa, ressignificadora do que se concebeu como marginal, contra o regime de verdade hegemônica (heteronormativa e binária), escrachada, debochada, crítica, de celebração a múltiplas identidades, de aceitação e imposição explícitas de suas identidades queer, conforme conceitos anteriormente vistos.

Isso posto, fica evidente que artistas com letras de músicas, cenários, figurinos, sexo, gênero, sexualidade queer não serão encontrados em número expressivo antes dos anos 2000 nas mídias, gravadoras, programas de rádio e televisão, casas de espetáculo, referências bibliográficas etc. No entanto, graças ao percurso anteriormente neste artigo mostrado das lutas travadas pelos grupos queer e à força avassaladora das mídias pós-modernas, sobretudo da internet, há hoje uma nova configuração. Dessa forma, qualquer rápida pesquisa em busca de vídeos de música queer na *internet*, mostrará estrelas diversas não mais circunscritas a nichos ou guetos; são artistas que se impõem, inclusive, em estilos historicamente machistas, como o rap e o funk.

Assim, há muitos nomes expressivos no cenário queer, alguns recordistas de visualizações para seus vídeos (superproduções técnicas e artísticas) e outros já presentes no *cast* das grandes mídias nacionais e internacionais. Seguem alguns desses grandes nomes de artistas claramente queer na música brasileira de diversos estilos, sobretudo, funk, hip hop, rap, pop, tecno, rock, romântico: **Pablo Vittar, Johnny Hooker, Filipe Catto, Lineker, Liniker, Jaloo, Banda Uó, As Bahias e a Cozinha Mineira, Não Recomendados, Mc Queer, MC Xuxu, MC Linn da Quebrada, Mulher Pepita, MC Trans, As Baphônicas, Sara e Nina, Lulu Monamour, Daniel Peixoto, Lucas Santana, Gê de Lima, Triz, Gloria Groove, Aretuza Lovi, Lia Clark, Kaya Conky, Danna Lisboa, Potyguara Bardo, Deena Love, Lamona Divine, Seketh Barbara, Filippa Ramona, Jurema Fox, Blair Oberlin, Maddax, Verónica Decide Morrer, AGA31, Rico Dalasam, Zerzil, Silva.**

Portanto, travestis, drag queens, transexuais, transgêneros, bissexuais, pansexuais, não-binários, fluidos ou inclassificáveis estão dominando um cenário no qual querem mesmo é se mostrar queer como ressignificação e apropriação discursiva do termo como sinônimo de estranho, esquisito, desviado, conforme visto em item anterior. Destarte, o espaço social e individual são ‘ocupados’. Os artistas aqui nomeados se assumem queer porquanto insistem e resistem em distanciar-se de conceitos rotulantes, limitantes e opressores, colocando-se contra as normas preestabelecidas e assumindo sua autonomia, seu domínio de corpos e de desejos.

Importa a esses artistas queer assumir-se como minoria na luta contra a condição de marginal. Para tanto, de forma radical ou até, caricatural. Vale a ambiguidade, a multiplicidade, a fluidez das identidades de sexo e de gênero (como visto na teoria queer). Assim, performances dos artistas, figurinos, letras das canções, arranjos etc negam uma identidade rígida e fixa. Os sujeitos dessas músicas trazem as múltiplas possibilidades de ser e estar no mundo com legitimidade, em representações de si em contraposição a identidades binárias dominantes e hegemônicas. Em se tratando de uma realidade cultural, tais artísticas e sua produção, mesmo que em consonância, vão muito além de discussões teóricas e políticas pelo exercício de suas várias possibilidades de gênero, sexo e sexualidade.

Em suma, o artista queer hoje no Brasil tem visibilidade e se assume positivamente marginal, pois, assim, se pode viver as várias identidades como minorias sexuais em desacordo com o que é hegemônico, binário e normativo. Dai por que a postura apresentada pelos artistas aqui em foco, em sua presença cênica, desconstrói possibilidades de classificação rígida de *masculino ou feminino, homo ou hetero, homem ou mulher, haja vista ficar clara a total liberdade de gênero, por atitude, ousadia, ativismo, transgressão.*

## CONSIDERAÇÕES

Em síntese, os estudos-queer apresentam contribuições fundamentais: as identidades são múltiplas e articulam-se de inúmeras e inconstantes formas; as identidades são construídas, arbitrarias, instáveis, provisórias, fluidas, não-binárias; o sujeito-queer assume um processo de libertação, desobediência a normas e estruturas; o motivo de marginalização ao que se rotula como queer é apropriado e ressignificado pelo sujeito, convertendo-se em orgulho; as identidades são fluidas, não-binárias; a perspectiva dos estudos-queer recusa tratar a homossexualidade centralizada no gay masculino, pois isso reforça o binarismo hetero/homo, masculino/feminino, homem/mulher, gay/lésbica, corroborando o protagonismo e a supremacia masculina. Dessa forma, a teoria queer desafia, questiona, desconstrói o regime dicotomizador de identidades de sexo, gênero e sexualidade, reconhecendo, respeitando, legitimando as diversas realidades de gênero e da sexualidade, o que põe em cheque a heteronormatividade compulsória dos discursos hegemônicos, marginalizadora dos sujeitos-queer.

Dizendo de outra forma:

O queer é colocar-se na recusa de todas as formas de normalização, é contestar posições fixas de identidade. É a diferença que não quer ser assimilada a formas e demarcações identitárias. Quer antes problematizar e questionar a legitimidade

dessas formas – identitárias – do que ser inclusa. O queer não quer instituir uma nova concepção de identidade, uma nova identidade referência, a Teoria Queer quer problematizar a legitimidade de pressupor que podemos partir dessa noção de identidade para se falar dos diferentes sujeitos na sociedade e dos múltiplos arranjos do ser internos aos sujeitos (LOURO, 2004).

Em suma, conforme os casos em tela, constata-se que a música brasileira queer atual extrapolou e confrontou posturas machistas e tradicionalistas, como resultado de lutas empreendidas contra posturas heteronormativas e em prol de um discurso que exige respeito aos sujeitos em suas ações e identidades, comportamentos, valores e ideologias diversas. Não por acaso em 2018 filmes brasileiros com temática queer, *Bixa Travesty* (Linn da Quebrada) e *Tinta Bruta*, foram muito bem recebidos pelo público no festival de Berlim, com ampla divulgação em termos midiáticos.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

BUTLER, Judith. **Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_ Críticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. **Sexualidades transgresoras**. Una antología de estudios queer. Barcelona: Icária editorial, 2002.

\_\_\_\_\_ **Undoing Gender**. New York: Routledge, 2004.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. et al. **Direitos humanos das mulheres e das pessoas LGBTQI**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2016.

FÁBIO, André Cabette. **A trajetória e as conquistas do movimento LGBT brasileiro** 17 Jun 2017 (atualizado 12/Jan 17h24) Link para matéria: <https://www.nexojornal.com.br/explicado/2017/06/17/A-trajet%C3%B3ria-e-as-conquistas-do-movimento-LGBT-brasileiro>.

FAOUR, Rodrigo. **Historia Sexual da MPB: a evolução do amor e do sexo na canção brasileira**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JESUS, Jaqueline Gomes. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. Publicação online. Brasília/DF, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer – uma política pós-identitária para a educação. **Revista**

**Estudos Feministas**, vol. 9, nº 2. Florianópolis, 2001.

\_\_\_\_\_ **Um Corpo Estranho: Ensaio Sobre Sexualidade e Teoria Queer.**  
Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth. I. B. **Gênero, patriarcado e violência.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e Realidade**, Porto alegre, 1989.